

QUINTANA E O IHGRGS: CRÔNICAS DE UM ACERVO FAMILIAR

Alexandre Veiga¹



Acervo MiQ/IHGRS²

NÃO BASTA SABER AMAR...

Para Milton Quintana

Neste mundo, que tanto mal encerra,
não basta saber amar,
mas também saber odiar,
não só servir à paz, mas também ir para a
guerra.

Seguiremos assim o próprio exemplo
de Jesus, que tanto amor pregou na Terra...,
quando Ele,
num ímpeto de cólera,
a relhaço expulsou os vendilhões do templo!

A cor do invisível, 1989

Neste 30 de julho de 2020, a cultura brasileira celebra os 114 anos de Mário de Miranda Quintana. Nascido em Alegrete, na região da campanha do Rio Grande do Sul, em 1906, o maior poeta do estado escreveu textos que promoveram o encontro de temas de notória complexidade com profunda reflexão, sendo famoso principalmente por seus “quintanares”. Sua biografia poética, porém, não contemplou muitos registros do seu mundo da infância ou adolescência. Cedo veio estudar em Porto Alegre, depois esteve, em mais de uma oportunidade, no centro cultural do país, o Rio de Janeiro. Mas foi na capital do Rio Grande do Sul que se estabeleceu em definitivo, tornando-se uma das suas principais figuras.

A relação do poeta Mário Quintana com a Porto Alegre dos anos 1950, quando aqui se instalou de vez, guarda algumas referências impor-

1 Historiador, arquivista, Mestre em Comunicação e Informação e Doutor em História pela UFRGS, é servidor público do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

2 Este documento, como todos os demais que não tiverem outra indicação, integram o Acervo Milton Quintana (MiQ), sob os cuidados do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

tantes com relação ao mundo em que escolheu viver: urbano, agitado e efervescente – para os padrões do período, é claro, ou como vai deixar registrado no Caderno H, “O progresso [que é] é a insidiosa substituição da harmonia pela cacofonia”³. Vendo Porto Alegre como uma “pequena cidade grande”, e buscando sistematicamente contrastar essa cidade de muitas vozes ao seu universo interior, idílico e fantasmagórico, Quintana pouco se referia ao mundo que o havia visto nascer, tendo se identificado, desde sempre, com o cenário urbano que a metrópole oferecia. É a esta Porto Alegre, onde Quintana percorria as ruas desconhecidas, a que se vê referida em seu mais famoso poema, “O Mapa”, sentindo as dores dessas ruas por onde jamais iria passar.

Essa relação do poeta com a cidade, e principalmente com os temas que por aqui transitavam, foi marcada pelo distanciamento de sua origem interiorana, na pacata e rural Alegrete de seu nascimento. Tal circunstância sempre ficou demarcada por algumas referências esparsas que o poeta fazia quanto à sua origem e sua relação com a tradição gauchesca, como se pôde ver em expressões próprias de sua personalidade. Questionado, certa feita, sobre a homenagem que lhe queria prestar sua cidade natal, saiu-se com essa:

Outra coisa que achei extraordinária - e no mesmo sentido - foi que Alegrete, minha terra natal, resolveu gravar um poema meu em praça pública: a principal da cidade. Fiquei numa situação terrível, aquilo já tinha sido votado, mas como é que eu ia escolher um poema? Se eu achava que não poderia escolher, muito menos outros poderiam. Mas eu não podia cometer a grosseria de recusar. Em discussões que tive com o prefeito e o presidente da Câmara, disse-lhes que não podia escolher um poema porque um engano em bronze é um engano eterno. Discutiu-se, discutiu-se, e ficou assentado que ficaria apenas isto na placa: “UM ENGANO EM BRONZE É UM ENGANO ETERNO”.⁴

Já suas relações com a cidade escolhida pra viver, e com vários de seus personagens, são bastante conhecidas. De jornalista do Estado do Rio Grande a tradutor na Editora da Globo, de escritor no Correio do Povo às diversas participações na Feira do Livro, divulgando suas obras, esteve sempre presente na cena cultural porto-alegrense. Uma questão que permanece em aberto, no entanto, é sua relação com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

3 Quintana, Poesia Completa, pág. 236

4 Quintana, M. Da preguiça como método de trabalho, 1987

Essa instituição, que já contava à época com seus trinta anos de re-fundação – havia tido uma primeira fase ainda no século XIX, sendo reinstalado em agosto de 1920 – foi uma questão significativa, posto que faziam parte do IHGRGS diversos intelectuais que eram protagonistas do mesmo cenário cultural que Quintana esperava participar. Ainda assim, o poeta pouco ou talvez nunca freqüentou o Instituto, sem que se saibam as razões para isso.

A resposta pode estar no próprio acervo do IHGRGS, onde se encontram acondicionados expressivos conjuntos de documentos que permitem compreender a história social de nosso estado. Entre eles, está o acervo que pretendemos analisar nesta edição. Trata-se do conjunto de documentos que foram do seu irmão velho, o dono de farmácia, agrônomo e produtor rural Milton de Miranda Quintana.

Nesse acervo, formado por cerca de 100 itens – diminuto, mas significativo – constam registros que mostram as características familiares das quais o poeta se afastou ao longo de sua trajetória.

Essas peculiaridades, no entanto, revelam mais do ambiente em que ele se formou, à revelia do que depois seria sua vida pública.

Milton de Miranda Quintana nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 9 de novembro de 1894. Era o primogênito do casal Celso de Oliveira Quintana e Virgínia Palma de Miranda Quintana. Formou-se em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba/SP, onde casou com Diva Nogueira Quintana. Em 1940, exerceu as atividades de engenheiro agrônomo no Instituto de Agrostologia, em São Gabriel/RS. Depois, em 1948, trabalhou no Setor de Suinocultura da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

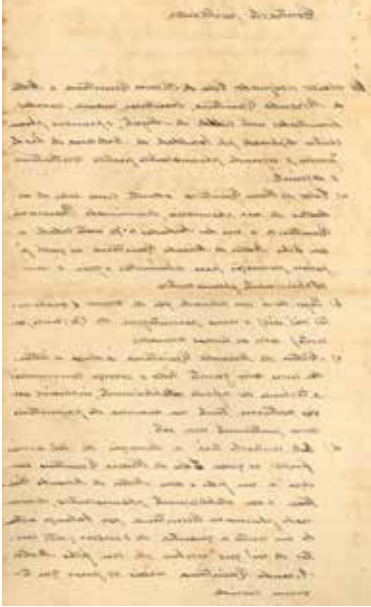


Foto de Milton Quintana, s/d

Logo que retornou da faculdade, exerceu atividades na Pharmácia Quintana, que pertencia ao pai, em Alegrete, a partir de janeiro de 1920. Ali teria ainda a companhia do jovem Mario, recém-retornado de Porto Alegre, onde queria ter permanecido trabalhando na Livraria do Globo, como desempacotador de livros. É nesse momento que, provavelmente, se configuram os dilemas existenciais que iriam marcar a trajetória de ambos, cada um seguindo para um destino diverso e distante – ao menos em suas vidas privadas.

Enquanto Mario busca se aproximar do mundo literário que viceja-

va em Porto Alegre, Milton assina com o pai um contrato de sociedade em sua farmácia, tornando-se não apenas um funcionário – como seria Quintana – mas principalmente dono do negócio, com as responsabilidades que isso implicaria. É o que demonstra os documentos abaixo, onde constam as atribuições de ambos:



O poeta cita essa mudança de vida em sua biografia de sua maneira irônica, citando que se antes se sentia à vontade entre os livros que chegavam na Livraria, “Era um emprego muito agradável, porque eu trabalhava de desempacotador na seção de livros estrangeiros. Eu devia desempacotar as raridades francesas...”⁵ Na farmácia tinha de lidar com as receitas, ainda que, como afirmara, o pai lhe desse para manipular apenas aquelas mais simples, talvez como a que se pode ver aqui, outro item interessante do Acervo MiQ:



5 Quintana, Poesia Completa, p. 31

Era uma fórmula fácil, talvez análoga àquela manipulada por Quintana, uma espécie de limonada feita com citrato de magnésio, muito apreciada por sua primeira professora, dona Mimi Contino, que a tomava como se fosse refresco. A característica que o futuro poeta mais apreciava no seu produto inusitado era a “limpidez”, justamente o que iria depois propor em suas obras.

Nesse mesmo período, o irmão mais velho vivenciava sua mudança da atividade farmacêutica, aproximando-se de sua futura ocupação profissional, em meio ao aumento da família. Na época, já lhe haviam nascido os três primeiros filhos, e sua visão de mundo estava se condicionando às suas novas responsabilidades, tanto privadas quanto no seio da sociedade alegreense.

São desse período os registros encontrados em seu acervo, que repercutem esse momento de sua vida. É de sua autoria um texto manuscrito em 23 páginas analisando as vantagens da imigração estrangeira para o Brasil:



Provavelmente neste mesmo período, em documento sem data, Milton apresenta manifestação junto à Câmara de Vereadores de Alegrete, solicitando que seja formada uma comissão especial para identificar e dar apoio à população pobre do município.

Quintana, anos mais tarde e ao seu modo, também se referia à população humilde, declarando neste texto, deliciosamente poético:



LAGOSTA À MODA FRANCESA

Aos domingos, como os meus remanescentes amigos costumam passar fora o fim de semana e como este tem por finalidade, não confessada, exatamente essa espécie de ascese que é a gente livrar-se durante um dia e meio dos amigos, fico com o dia em branco e devoro literalmente os jornais. Desde os pequenos anúncios, onde encontro coisas deliciosamente assim: “Alugam-se duas salas para senhoras bem arejadas” até seções dedicadas ao lar. Ora, na última destas, li e reli: LAGOSTA À MODA FRANCESA – Ponha a lagosta, para cozinhar, num molho de escabeche bem grosso: deixe esfriar no próprio líquido em que foi cozida. Separe então a carne da lagosta, deixando intacta a carapaça da mesma. Reserve alguns pedaços mais bonitos e pique o resto para fazer um guisado. Refogue na manteiga, junte um pouco de vinho do Porto e ligue tudo a um molho bem temperado. Recheie com essa carne a carapaça da lagosta, arrume dentro de uma fôrma, regue com um pouco mais de molho e leve ao forno para dourar, sem deixar no entanto ressecar por cima. Isto é de a gente ficar com água na boca... E também é de amargar! Como é que a dona-de-casa, que não consegue nem um democrático sirizinho, vai conseguir a imperial lagosta?

Isto não pode ser.

É verdade que há gente que pode...

Mas não são os da soçaiti nem os marginais que formam a classe média nacional, composta de honrados e suados barnabés. Dos marginais, nem é bom falar, porque isso nunca deixa de provocar na gente uma espécie de remorso de fundo coletivo... Quanto à “gente bem”, são como que o *haut fond* da sociedade, como o dizia um amigo meu, em

contraposição ao *bas fond*. O que aliás não é implicar com ninguém.

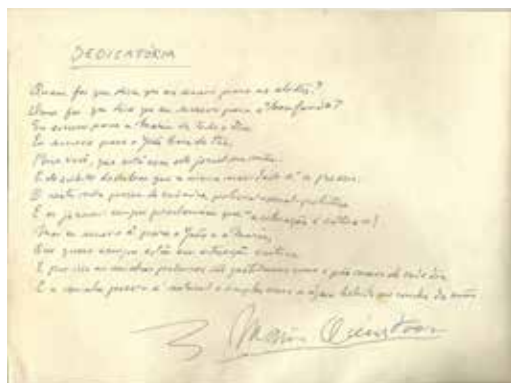
Também esclareça-se que não implico com as lagostas. A lagosta é dos poucos bichos que a gente pode ver inteiros antes de deglutir. Aquela sua armadura medieval e o seu aspecto heráldico, pois deve ter nascido para animal de brason, tal como o nobre e irreversível hipocampo, aquele seu aspecto puramente decorativo não me constrange á mesma situação de quando fui enfrentar, há dias, uma cabeça de porco assado. Meu Deus, aquele sorriso, aquela sua face, aquilo tudo tão humano me provocou uma inibição impossível de dominar...

E, dentro dessa mesma exemplificação de sentimentalismos gastronômicos, sei de uma boa senhora que não podia comer galinhas a quem “conhecia pessoalmente” do seu terceiro. Apenas saboreava as que provinham anonimamente do mercado público.

Pois bem, meus ricos leitores, não sou, como vistes, contra lagostas e outros acepipes: isto seria levar muito longe a solidariedade democrática...

O que acontece comigo é que – com perdão da irreverência da comparação – penso como o apóstolo São Paulo, o qual, agradecendo numa de suas epístolas o auxílio financeiro que lhe haviam mandado alguns discípulos, respondeu-lhes que aproveitaria bem o dinheiro, visto que tanto estava acostumado a passar bem como a passar mal... Ótimo! Eis aí um grande santo que era também grandemente humano.⁶

Ou, então, mais de modo mais próximo de seu estilo poético, fazia a seguinte



DEDICATÓRIA

Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?

Quem foi que disse que eu escrevo para o bas-fond?

Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.

Eu escrevo para o João Cara de Pão.

Para você, que está com este jornal na mão...

E de súbito descobre que a única

6 Quintana, Porta Giratória, 1988

novidade é a poesia,
O resto não passa de crônica policial - social - política.
E os jornais sempre proclamam que “a situação é crítica”!
Mas eu escrevo é para o João e a Maria,
Que quase sempre estão em situação crítica!
E por isso as minhas palavras são quotidianas como o pão
nosso de cada dia
E a minha poesia é natural e simples como a água bebida na
concha da mão.⁷

O irmão Milton, que se orientava para outra dinâmica pessoal, havia publicado na Gazeta do Alegrete, em 11 de novembro de 1937, texto exaltando a “importância da pecuária alegretense”. Por ironia, o nome publicado como sendo do orador é o de Mario. Alguns anos depois, já em Porto Alegre, Milton recebe comunicação de que havia sido aceito como sócio honorário na Associação Rural de Alegrete:



Supor a autoria de Mario para este texto do jornal Gazeta do Alegrete, de 11/09/1937 não podia estar mais distante da realidade. Nesse mesmo período, o poeta estava em Porto Alegre, e encontrava-se certamente envolvido com questões mais comezinhas, como a solução para a falta de pagamento do quarto de hotel onde se hospedava na época. Em carta de sua autoria, remetida a Luiz Cañete – proprietário do hotel onde estava hospedado, Quintana explica os motivos que o levaram a não cumprir o acordo feito anteriormente, tratando de uma questão que o atormentaria em outras oportunidades, a falta de dinheiro:

7 Quintana, A cor do invisível, 1989



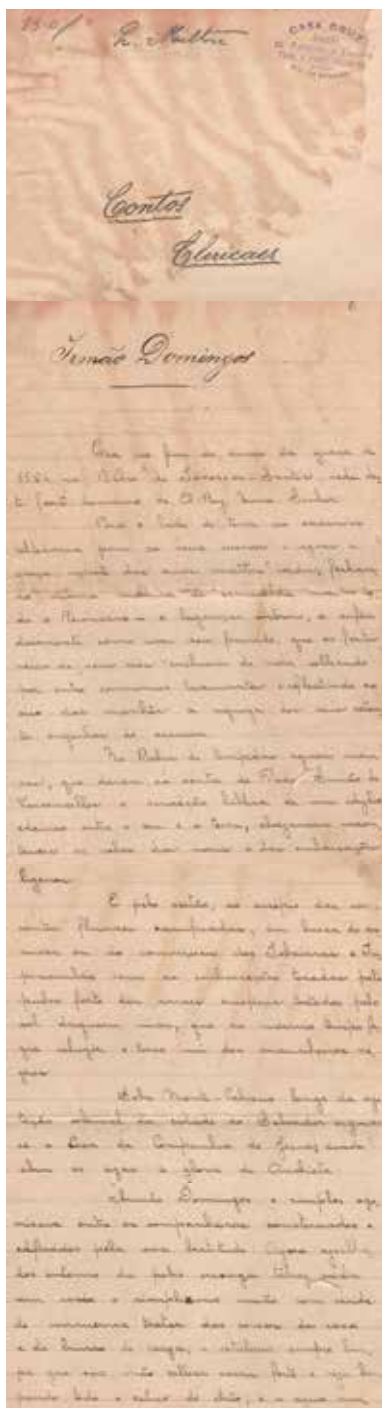
Pouco depois destes episódios, Milton Quintana ingressa no serviço público estadual, mas segue próximo das atividades campeiras. O cartão ao lado refere sua função como avaliador dos danos causados por uma enchente que havia ocorrido na região:



Quintana, em 1940, publicou seu primeiro livro, “Rua dos Cataventos”, dedicando-o aos irmãos mais velhos, Milton e Marieta. Ainda que à seu modo, essa lembrança revela a conexão do poeta com a família e com o mundo da cultura, que por sua vez também aparece no acervo do irmão, onde está um conto que, embora tenha seu nome registrado na folha de abertura, não pode ser confirmado como sendo de sua autoria. Porém, é possível inferir que o assunto era de seu interesse, o que nos permite abordar a questão temática entre irmãos. O texto é o seguinte:

Contos Clericais

Irmão Domingos



Era no fim do anno da graça de 1554 na Bahia de Todos-os-Santos, sede deste farto domínio de El-Rey Nosso Senhor.

Para o lado da terra as serrarias alteavam para os céus serenos e azuis a graça agreste de suas mattas verdes, fechando numa moldura de esmeralda viva todo o Reconcavo – o lagamar interno, o arfar docemente como um seio fecundo, que as fortes veias de seus rios enchiam de vida colleando por entre cannaviaes luxuriantes e reflectindo ao oiro das manhãs a riqueza dos seus setenta engenhos de assucar.

Na Bahia de límpidas águas mansas, que davam ao sentir de Padre Simão de Vasconcellos a sensação bíblica de um idyllo edênico entre o céu e a terra, alvejavam incontáveis as velas das naus e das embarcações ligeiras.

E pelo sertão, ao arripio das correntes fluviaes ramificadas, em busca do assucar ou do commercio dos Tabajaras e Tupinambás iam as embarcações tocadas pelo pulso forte dos Arraes európies tostados pelo sol daquém mar, que ao mesmo tempo fazia reluzir o torso nu dos marinheiros negros.

Sobre Monte Calvario longe da agitação colonial da cidade de Salvador erguia-se a Casa da Companhia de Jesus, donde abriu as azas a glória de Anchieta.

Irmão Domingos, o simples agonisava entre os companheiros consternados e idificados pela sua beatitude. Agora ajoelhados entorno da pobre enxerga talvez cada um revia o simplíssimo irmão com caridade immersa tratar das coisas da casa e do burrico de carga; a estrebaria sempre limpa que sua mão callosa varria forte e rija limpando todo o esterco do chão; e a água sem-



pre fresca que elle ia a fonte buscar e a sua mão callosa sempre macia e suave ao acariciar o pello áspero do pacífico solípede. Tão simples e tão humilde que fora appellidado o Pecorella, a pobresinha ovelha do Senhor.

As vezes era a voz do superior que o vinha distrahir de seus affazeres:

— “Irmão Domingos ide a lenha para cosinha.”

E elle tomando do burrinho de olhar tão doce lá se ia de batina arregaçada e pé descalço pelas estradas dunas a rude labuta da lenha ou buscar o alimento entre os christãos da cidade ou mesmo nas aldeias do sertão entre o gentio.

Tão Candido e simples que as creanças sorriam gárrulas ao ver o religioso tirar de sobre o dorso do animal a carga muito rude e carregar-a elle; e o bom Pecorella ia meditando que haviam de ser assim as boccas inocentes que sorriam a Jesus na attração universal dos bons.

Acotovelando pelas ruas pobres jumentos arquejantes sob o peso da carga ou negros robustos levando aos hombros as serpentinas onde se reclinavam os seus senhores; elle, o simples, se penitenciava da moleza de deixar aquella pobre creatura arfar sobrecarregada, firmando dolorosamente os cascos nas pedras do caminho enquanto elle folgava.

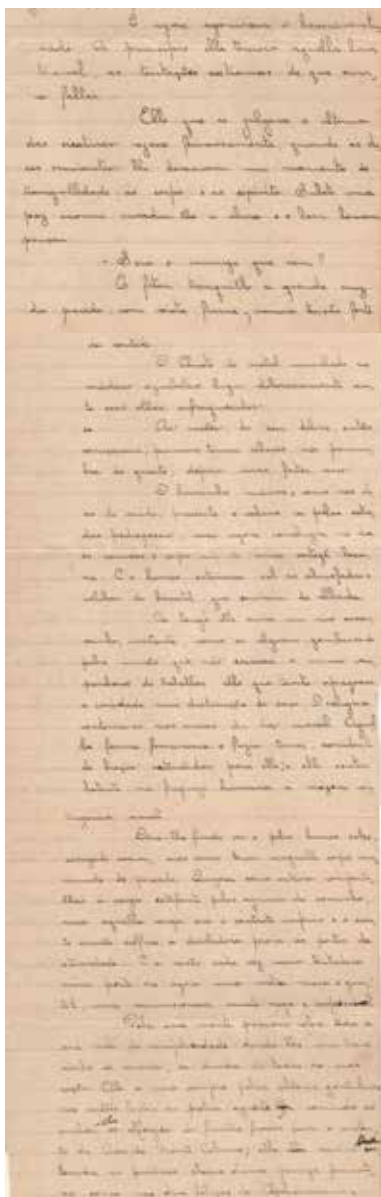
E se alguém menos reverente, na cidade, lhe perguntava ironicamente:

- Irmão onde ide os dois assim carregados?

- Que diríeis se irmão Domingos deixasse a pobre creatura arrebeitar com a carga!

Nas aldeias dos índios, mais próximas, era sempre recebido com alegria; os homens carregavam-lhe os alforges com bananas, carás, farinha, a caça que seus arcs destros abatiam e as mulheres semi-nuas sorriam-lhe com afeição ou beijavam-lhe a mão pura.

E elle em paga contava-lhes a grandeza moral do christianismo na candura de sua alma mansa e convicta, a simplicidade tocante dos corações que repousam na inesgotável fonte de amor que Christo abriu sobre este Valle de lagrimas. Naquella sociedade primitiva, entre os instintos soltos, elle conservou no contacto de todas as paixões que o rodeavam, a pureza de seus pensamentos.



E agora agonizava o bemaventurado. A principio ele temera aquella hora terrível, as tentações extremas de que ouvira fallar.

Elle que se julgava a ultima das creaturas reza-va fervorosamente, quando as dores cruciantes lhe deixavam um momento de tranquillidade ao corpo e ao espirito. Subito uma paz enorme invadiu-lhe a alma e o bom homem pensou:

- Será o inimigo que vem?

E fitou tranquillo a grande cruz da parede, com vista firme, numa tensão forte da vontade.

O Christo de metal immolado no madeiro symbolico Luzia dolorosamente ante seus olhos enfracuecidos.

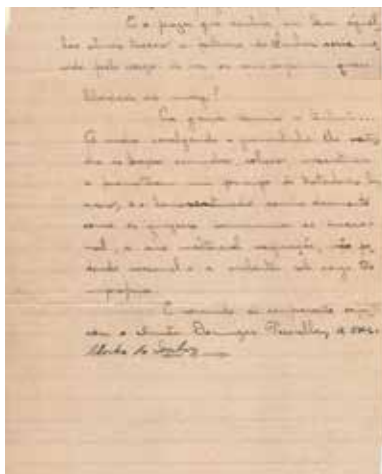
As visões do seu delírio, então começaram; primeiro ténues esboços na penumbra do quarto, depois vivas, fortes, reaes.

O burrinho manso, como nos dias de saúde, paciente e calmo ia pelas estradas pedregosas, mas agora conduzia no dorso convexo o corpo nu de uma cortezá lasciva. E o burrico estoira-va sob as almofadas e colchas de brocatel que serviam de albarda.

Ao longe elle ouvia um riso escarminho, irritante, como se alguém zombasse do pobre irmão que não socorria o misero companheiro de trabalhos, elle que tanto apregoava a caridade sem distincção de seres. O religioso contorcia-se nas anciãs da dor moral. Aquella forma femenina o fazia temer, sorridente de braços estendidos para elle; e elle sentia latente na fraqueza humana a mizera contingencia sexual.

Doia-lhe fundo ver o pobre burrico sobrecarregado assim, mas como tocar naquella corpo imundo de pecado. Quizera como outrora compartilhar a carga estafante pelas agruras do caminho, mas aquella carga era o contacto impuro e o santo irmão soffria a desoladora prova às portas da eternidade. E a visão cada vez mais tentadora mais perto era agora uma índia moça e gentil, uma reminiscência muito vaga e impessoal.

Pela sua mente passara célere toda a sua vida de simplicidade dando-lhe um travo acerbo de duvida, de duvida de todas as suas acções. Elle a via sempre pelas aldeias gentílicas nos sertões férteis da pátria agreste, sorrindo ao encher-lhe os alforjes de fructas frescas para o sustendo da Casa de Monte Calvario; Ella ouvira enlevada as predicas cheias d'uma pureza primitiva como nos dias felizes de Capharnaum.



E o prazer que sentira em levar àquelas almas toscas a palavra do Senhor seria movido pelo desejo de ver os seus corpos na quase liberdade da nudez?

Era grande demais a tentação...

A índia cavalgando o jumentinho lhe estendia os braços carnudos, roliços, irresistíveis a prometterem um paraíso de tentadoras loucuras; e o bem aventurado sorriu docemente como se quizesse comunicar ao irracional, a sua inal-terável resignação, não podendo socorrê-lo a arrebrantar sob carga tão imprópria.

E sorrindo de compaixão expirou o Irmão Domingos Peconella, [segue trecho completado à lápis com outra letra].

Essa dinâmica familiar dos Quintana durou a vida inteira do poeta, que foi acompanhado, até seus últimos dias, pela sobrinha-neta, Elena, recentemente falecida. Embora tenha se mantido distante no conteúdo temático, diferente em sua vida pessoal – boêmio, solteiro, sem filhos – Quintana parecia ser próximo dos seus.

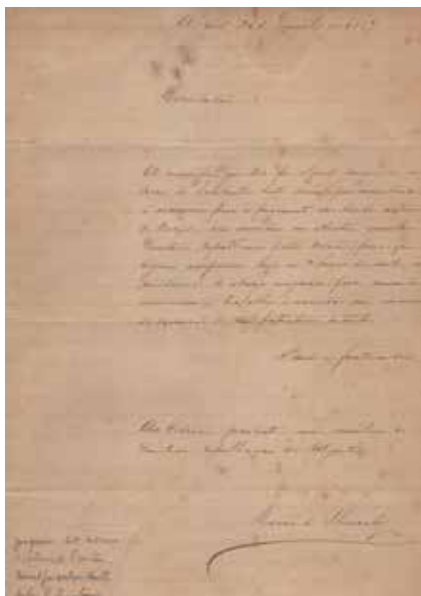
Só não apreciava as mesmas visões de mundo, e mesmo sendo herdeiro de uma tradição familiar ligada ao campo – seu avô deixara inclusive marca de gado registrada na prefeitura – ainda assim estimava seu irmão Milton, que faleceu justamente no ano em que recebera a homenagem da Prefeitura de Alegrete, como vimos acima. Assim, saía um Quintana de cena, e entrava outro, definitivamente, em bronze – e sem enganos!

Como o poeta deixou registrado em entrevista concedida à Edla Van Steen,



O meu “elemento” era a poesia. Comecei a ser poeta como um cachorro que cai n’água e não sabia que sabia nadar. (Sabia.) E o meio familiar ajudou. Tanto meu pai e minha mãe, como meus irmãos Milton e Marieta, a quem dediquei meu primeiro livro, gostavam de poesia. Nunca tive a clássica incompreensão da família, de que tanto se vangloriam

alguns poetas. Aliás, foi meu próprio irmão Milton, quinze anos mais velho do que eu, quem me ensinou a metrificar. Como tive a infância muito presa, devido à precariedade da saúde, quando pude soltei-me no mundo. Um choque. Fui criado num aviário e solto num potreiro. Daí talvez a explicação da minha posterior e prolongada boêmia.⁸



Há ainda vários outros documentos no acervo de Milton Quintana, como este “convite” feito pelo Barão de Ibirocaí aos membros alegretenses do Diretório Republicano – dentre eles, o pai de Quintana – para que apoiassem financeiramente “o pagamento da dívida externa” do país recém tornado República.

Tanto estes aqui representados, como todos os outros documentos, deste e dos demais acervos que estão recolhidos no Instituto, estão disponíveis para consulta em sua sede. Ainda permanece, aguardando novos estudos, a questão sobre a presença do poeta no IHGRGS, que precisa ser

melhor explorada. E assim também continua o Instituto Histórico do Rio Grande do Sul à disposição para receber outros acervos pessoais relevantes para a preservação da memória da nossa sociedade, que é a função que essa instituição tem realizado nestes seus cem anos de história.

REFERÊNCIAS

QUINTANA, Mario. Poesia Completa em um volume. Organização Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. Da preguiça como método de trabalho, 1987

_____. Porta Giratória, 1988

_____. Quintana, A cor do invisível, 1989

CESAR, Augusto Celso Quintana. A Família Quintana. Ed. do Autor. NAM/CCMQ, 2003.

⁸ . Da preguiça como método de trabalho (1987)